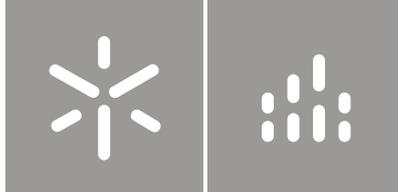


Universidade do Minho
Escola de Arquitectura

Sara Cristina de Carvalho Ferreira

**Coexistência do Tempo no Território:
Projecto de Representação do Complexo
Monástico de S.Miguel de Bustelo**



Universidade do Minho
Escola de Arquitectura

Sara Cristina de Carvalho Ferreira

**Coexistência do Tempo no Território:
Projecto de Representação do Complexo
Monástico de S.Miguel de Bustelo**

Tese de Mestrado
Ciclo de Estudos Integrados Conducentes ao
Grau de Mestre em Arquitectura / Cidade e Território

Trabalho efectuado sob a orientação da
Arq. Cidália Ferreira Silva

DECLARAÇÃO

Nome: Sara Cristina de Carvalho Ferreira

Endereço electrónico: saracrisf@gmail.com

Número do Bilhete de Identidade: 13191701

Título da Tese: Coexistência do Tempo no Território: Projecto de Representação do Complexo Monástico de S.Miguel de Bustelo.

Orientador: Professora Mestre Cidália Ferreira Silva

Ano de Conclusão: 2013

Designação do Mestrado: Arquitectura: Cidade e Território

Escola de Arquitectura

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO INTEGRAL DESTA TESE/TRABALHO APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE

Universidade do Minho, Guimarães, ___/___/_____

Assinatura: _____

Agradecimentos

Um agradecimento muito especial, à Professora Cidália, pela dedicação, apoio, pertinência e principalmente por acreditar em mim e no trabalho.

Ao Daniel pela paciência, apoio, amor e carinho incondicional.

Ao Nando pela amizade, pela ajuda e comentários acutilantes, pelos risos e incentivos e principalmente, por estar sempre presente.

Ao Arnaldo pela disponibilidade, pela ajuda indispensável neste processo e pela amizade.

À Rita pelas palavras de incentivo e positivismo.

À Maria por ser a minha companheira desta viagem.

Aos meus pais, um grande OBRIGADO!

Resumo

O seguinte trabalho consiste num ensaio prático de experimentação em torno do tema da coexistência na interpretação do tempo no território. Através de uma metodologia de análise e representação, incute-se um novo olhar sobre uma amostra específica, o Complexo Monástico de S.Miguel de Bustelo.

O lugar impõe-se como um mecanismo de detenção do tempo no território, que permitirá uma representação original do mesmo na tentativa de encontrar novas ferramentas de análise e interpretação da arquitectura da paisagem. Procura-se estimular a interdisciplinaridade no campo da arquitectura, introduzindo uma relação de cumplicidade entre património e território.

O 'tempo' manifesta-se como tema base que engloba a estrutura inerente ao desenvolvimento do trabalho. Através da derivação do tempo como coexistência é possível abrir caminhos para novas interpretações do lugar, do território e da própria arquitectura. A conjugação do tempo com a representação, transforma o desenho numa ferramenta interventiva na forma de ver o lugar.

A representação valida um processo criativo contínuo, um projecto interventivo na interpretação deste território. A complementaridade entre conceito, lugar e representação constitui uma metodologia original que será transversal a esta investigação.

Abstract

The following work consists of a practical essay of experimentation around the subject of coexistence in the interpretation of time in the territory. Through a methodology of analysis and representation, instils up a new perspective on a specific sample, the Complejo Monástico de S.Miguel de Bustelo.

The place is imposed as a mechanism of detention of time in the territory, which allow a unique representation of the same in an attempt to find new tools of analysis and interpretation of landscape architecture. It seeks to encourage interdisciplinarity in the field of architecture by introducing a relation of complicity between patrimony and territory.

The time manifests itself as the main subject, which comprises the inherent structure in the development work. Through the derivation of time as coexistence, it's possible to open paths to new interpretations of place, territory and architecture itself. The combination of time with the representation transforms the drawing in a interventive tool in the way of perceiving the place.

The representation validates a continuous creative process, an interventive project in the interpretation of this territory. The complementarity between concept, place and representation constitutes an original methodology that will be transversal to this research.

Índice

Introdução	1
Método de Investigação	3
O Lugar	5
Complexo Monástico de S.Miguel de Bustelo	7
Bustelo	7
O Mosteiro	8
Nota Histórica	9
Evolução Construtiva	9
Património Territorial	11
Actualidade	12
Análise Morfológica	17
Sucessão	29
Tempo no lugar	31
Sucessão na ideia de tempo	33
Permanência na mudança - <i>being</i>	35
Tempo Histórico no lugar	36
Tempo Histórico na representação	38
Desenho Cronológico	39
Desenho Sequencial	43
Sucessão e Duração	44
Coexistência	47
Conceito no lugar	49
Diálogo entre lugar e conceito – <i>Becoming</i>	51
<i>Being</i> versus <i>Becoming</i> (permanência vs mudança)	53
Captação do <i>Becoming</i>	55
Três tempos em coexistência – <i>Presente, passado e futuro</i>	57
Conceito na representação	61
Corte	63
Sombra	67
Aquarela	72

Amostra – Limite	81
Representar a coexistência	83
Amostra	85
Redescobrir o lugar: Limite	87
Processos de Transformação no Limite	91
Processo de Conservação	95
Processo de Substituição	101
Processo de Fractura	105
‘Três Tempos’ em coexistência	108
Tempo passado – <i>construção</i>	110
Tempo presente – <i>acumulação</i>	112
Tempo futuro – <i>dissolução</i>	114
Coexistência – síntese	117
Considerações Finais	139
Bibliografia	143
Anexos	147
Caderno de Experimentação	149

Introdução

Coexistência do tempo no território é o resultado de um ensaio experimental elaborado através do tema da coexistência. Este ensaio teve como base uma estrutura metodológica de análise e representação de uma amostra específica, o **Complexo Monástico de S.Miguel de Bustelo**. Procurou-se explorar novos métodos de interpretação do território na tentativa de encontrar os instrumentos de representação capazes de materializar o conceito pretendido. Este trabalho não se apresenta como um método definitivo, mas como uma hipótese, uma nova interpretação e um novo olhar deste território.

A interpretação do tempo como coexistência, neste ensaio, procura estabelecer um elo de ligação entre duas disciplinas aparentemente desconectadas, o território e o património. Os valores históricos e patrimoniais associados aos complexos monásticos são imediatamente interpretados no edifício e facilmente desconectados de toda a sua envolvente. Não se procura escolher uma em detrimento da outra, mas sim, criar a simbiose entre estas duas disciplinas, subvertendo a ideia de património associado a um objecto. Assim, é possível ver o território como património, e tornar visível as transformações da sua história no tempo.

A estrutura do presente trabalho, estrutura-se em cinco capítulos. Como nota introdutória ao trabalho, é exposta uma breve explicação do método de investigação subjacente ao ensaio que antecipa a estruturação de todo o trabalho. Na continuação desta abordagem mais geral, apresenta-se o lugar num capítulo sucinto que será a base para a primeira parte do ensaio.

Nas duas primeiras partes, abordam-se diferentes interpretações do tempo. Por um lado, o tempo como **Sucessão**, e por outro lado, o tempo como **Coexistência**. Duas interpretações distintas, mas que se complementam. A reflexão de diferentes conceitos e diferentes ideias, permitiram clarificar a origem de todo o pensamento definidor deste ensaio. Paralelamente a esta reflexão, serão acompanhados desenhos resultantes da experimentação que materializou esse mesmo pensamento. A última parte do trabalho, **Amostra – Limite**, constitui a parte mais importante deste ensaio. Explicita-se a forma como o conceito da

Coexistência determinou a redescoberta do lugar e catalisou a representação do mesmo. Neste processo representativo, serão diferenciados tempos distintos que serão materializados individual e conjuntamente.

Resumidamente, este ensaio procura enfatizar as questões pertinentes relacionadas com o conceito da **coexistência** no tempo, através de um processo de experimentação contínuo.

Método de Investigação

*...the layers of time that we draw are not a passive localization of elements but a selection that is faithful to the interconnections that are there.*¹

A abordagem inicial a este trabalho passou por uma análise geral do território. Para melhor compreender a complexidade morfológica do território, procurou-se compreender primeiro os diferentes elementos que a constituem. Assim, os primeiros desenhos resultam de um mapeamento das estruturas morfológicas do território em estudo: topografia, linhas de água, arborização, parcelamento agrícola e edificado e acessos. Paralelamente a esta análise representativa, iniciou-se um processo de reconhecimento histórico do lugar, focando em dados cronológicos e históricos do complexo monástico, numa tentativa de compreender as transformações ao qual o Mosteiro foi sujeito.

O território é como um 'organismo vivo', um mecanismo intrincado de processos e transformações. A abordagem ao lugar através das partes que o constituem separadamente, apenas torna visível a 'pele' deste organismo. Como tal, questões surgiram: *is the collected data of the analysis faithful to the time processes of the place? Or is it just considering the place as a 'given product' that can be separated into parts?*² A leitura que fazemos de um lugar é imediatamente visível na forma como a representamos. Se admitirmos que a representação apenas passa pela ilustração do que nos é dado ou é visível, ficamos muito aquém de compreender a essência dos lugares e de toda a sua complexidade: *places are processes in time.*³

Porque el territorio contiene mucho más que lo que el mapa puede mostrar, mientras que el mapa sigue siendo, a pesar de todo, lo que es: una abstracción. Le falta lo que caracteriza específicamente al territorio: su extensión, su espesor y su perpetua metamorfosis".⁴

¹ SILVA, Cidália – "The interproject: Knowing and proposing", p.9.

² SILVA, Cidália. Op. Cit.

³ SILVA, Cidália. Op. Cit.

⁴ CORBOZ, André – "El territorio como palimpsesto" – Lo Urbano en 20 autores contemporáneos, p.30.

Assumir o conceito da mudança e da transformação na interpretação do território, permitirá uma leitura e uma representação mais realista, e principalmente mais liberta de preconceitos e contendo em si a capacidade de instigar diferentes interpretações. *Clean your brain of a-time language based on preconceptions that judge reality, such as this place 'has character' or 'has no character'. These notions are supported by aesthetic and morphological characteristics, and as such are deprived of time processes. It is as if we were judging a place by its 'outfit'*⁵

A estrutura metodológica deste trabalho assenta assim, na ideia de um diálogo contínuo entre o lugar e o seu projecto de representação. Um processo de relações e conexões entre elementos que determinaram o fio condutor para a realização deste ensaio, fundamentando o lugar como gerador das ferramentas capazes de estimular um projecto. Os conceitos de mudança, transformação, conexão, diálogo estão intimamente relacionados com o próprio tema, **coexistência**.

O método adoptado para o desenvolvimento deste ensaio, incorpora em si diferentes instrumentos de investigação: análise, leitura e reflexão, experimentação e representação. Esta metodologia não incorpora em si um raciocínio sequencial mas sim uma integração contínua de elementos que se vão relacionando e complementando em diferentes partes do trabalho. A experimentação e reflexão sobre um tema constituem um processo paralelo de 'conquistas' e 'derrotas' na tentativa de encontrar uma nova interpretação, uma nova forma de ver estes lugares. Assim, para além de um diálogo entre lugar e projecto, temos também outros três diálogos: **diálogo entre conceito e método, diálogo entre conceito e representação, diálogo entre conceito e investigação**, apresentando assim , uma transversalidade do conceito a todo o processo de concretização deste ensaio.

⁵ SILVA, Cidália – “The interproject: Knowing and proposing”, p.9.

0 Lugar

Neste capítulo será apresentado uma breve descrição do lugar escolhido. Esta descrição será acompanhada de desenhos que foram realizados na fase inicial de análise morfológica do território. Tornará visível o lugar na sua essência mais abstracta e principalmente a sua localização e implantação. Será compreendido a estrutura base na qual este mosteiro está inserido, assim como, a sua envolvente mais próxima e mais afastada.

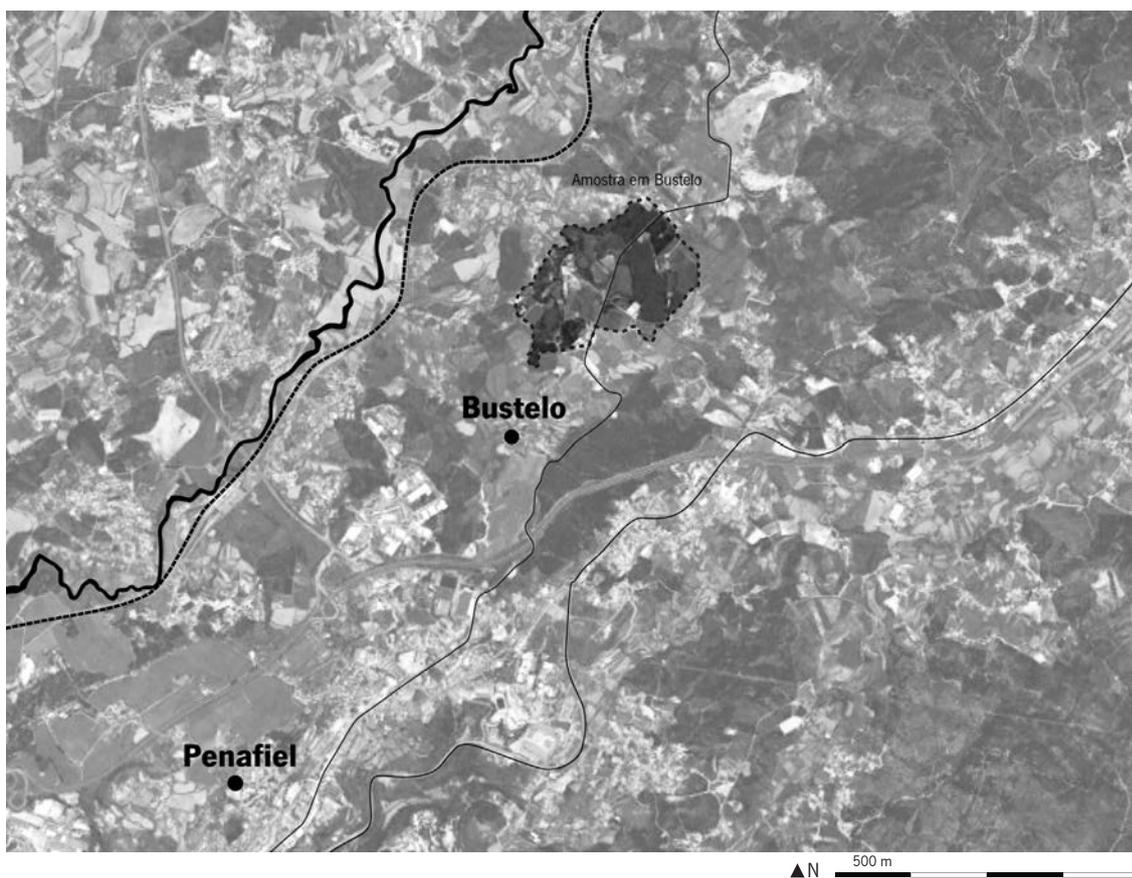
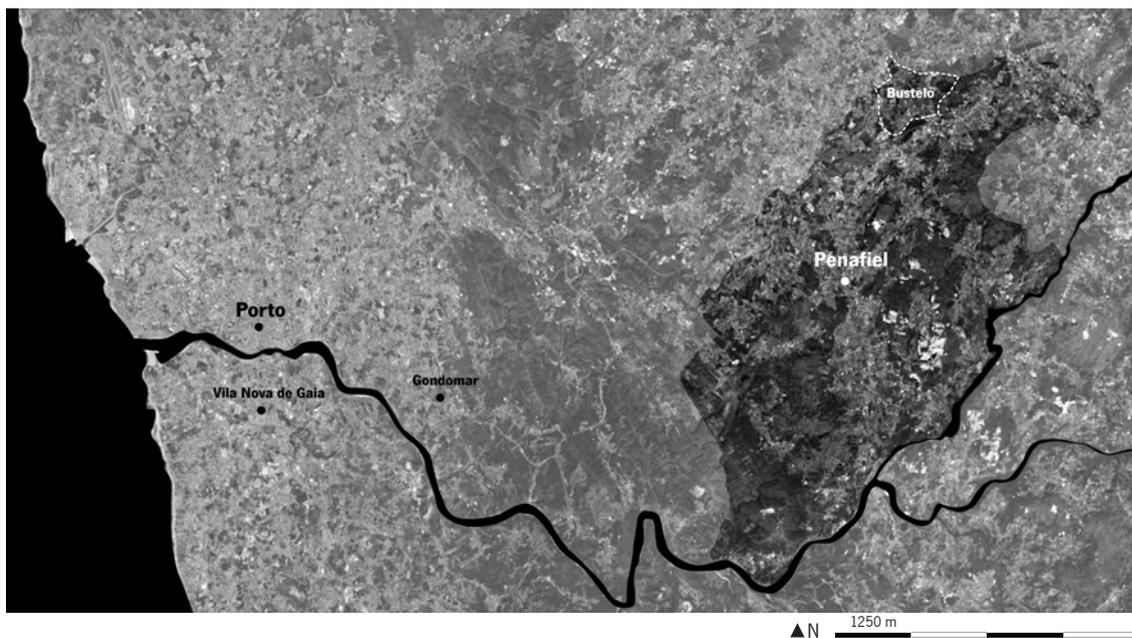


FIG.1 Foto aérea com a localização de Penafiel e Bustelo. Evidencia-se os limites do concelho de Penafiel (zona mais escura) e da freguesia de Bustelo (limite a branco) e ainda a marcação do Rio Douro (linha preta).

FIG.2 Foto aérea aproximada ao conselho de Penafiel, com a marcação da amostra em Bustelo. Evidencia-se a linha de água principal (Rio Sousa), a linha ferroviária e as duas estradas nacionais principais (N320, que atravessa a amostra e que faz a ligação rodoviária principal entre Penafiel e Bustelo, e a estrada N15 mais a sul).

Complexo Monástico de S.Miguel de Bustelo

Bustelo

Localizado no limite nordeste do conselho de Penafiel, a pequena freguesia de Bustelo estende-se por uma área pouco maior que 6km², e é casa de cerca de 1600 habitantes. De carácter rural típico da região Norte de Portugal, esta freguesia é composta por grandes planos agrícolas e uma topografia acentuada. Esta povoação instala-se na margem direita do rio Sousa e constitui uma pequena parcela do vale do Sousa.



FIG.3 Algumas fotografias do lugar. Da esquerda para a direita: Vista do mosteiro para a paisagem envolvente; Enquadramento do edifício na paisagem; pormenor de uma das possíveis portas da antiga cerca do mosteiro.



FIG.4 Vista panorâmica de dentro do Mosteiro

Mosteiro

O Mosteiro de S. Miguel de Bustelo, fica situado na pequena freguesia de Bustelo. A sua presença na paisagem é facilmente reconhecida, graças não só a sua implantação e volumetria, como também pelo grande aqueduto que pertence ao complexo monástico. Quanto á sua implantação, o mosteiro foi construído num ponto privilegiado deste território. Situado num dos pontos mais altos, o edifício controla visualmente toda a sua envolvente, e privilegia todos aqueles que o visitam, com uma magnífica vista sobre o vale do Sousa.

Predominantemente de estilo barroco, o Mosteiro de S.Miguel em Bustelo, foi um complexo religioso de distinta importância para a região. À semelhança de outros mosteiros da região, Bustelo fez e ainda faz parte da grande diocese do distrito do Porto, e foi uma das casas que recebeu a Ordem Beneditina no Norte de Portugal. Como uma das casa dos Beneditinos, era administrada pela casa mãe da Ordem em Portugal, o Mosteiro de Tibães.⁶

Em seguida iremos expor uma breve nota sobre a perspectiva histórica do Mosteiro assim como a identificação da sua área de domínio no território.

6 Mosteiro de São Martinho de Tibães – é a antiga casa mãe da congregação beneditina do norte de Portugal. Fundado em finais do século X, transformou-se no maior e mais poderoso mosteiro do norte. Foi um verdadeiro difusor cultural e estético da época, e foi o exemplo artístico de referência na arquitectura monástica da zona norte de Portugal.

Nota Histórica

A primeira nota documental existente relativa a este mosteiro remonta ao ano de 1065,⁷ colocando a hipótese de uma fundação anterior a esta data. Característico desta época, o crescimento do Mosteiro foi beneficiado por um movimento de inúmeras doações de bens, que aos poucos foi consolidando o seu património, lançando Bustelo no caminho da prosperidade. Contudo no inícios do século XV o mosteiro fica sob o controlo do Regime da Comenda⁸. A forma como os Abades Comendatários impuseram o seu poder, resultou numa administração caótica do mosteiro deixando *uma impressão geral de deterioração material e de uma profunda degradação espiritual*.⁹ Esta situação deixou o mosteiro na ruína e impôs uma necessidade iminente de transformações profundas quer financeiras quer patrimoniais. A introdução da Ordem Religiosa Beneditina, em 1585, trouxe a recuperação e reorganização do Mosteiro manifestada através de um plano de reforma total, incluindo um plano de reconstrução e renovação arquitectónica.

Evolução Construtiva

Com a sua fundação nos inícios no século X, coloca-se a hipótese que a primeira imagem do mosteiro, seria uma de carácter medieval numa construção de dimensões modestas: uma igreja de pedra, com apenas uma nave principal, acompanhado de uma construção quadrada (possivelmente dois pisos) com um pátio interior (este pátio terá sido a base original do actual claustro), à semelhança das construções da época. Como dado de comparação para esta hipótese volumétrica medieval, utilizou-se uma referência local, o Mosteiro do Salvador de Paço de Sousa¹⁰ em Penafiel, que ainda hoje mantém parte da sua arquitectura românica original.

7 Todos os documentos inseridos no contexto desta investigação validam esta hipótese. O primeiro documento oficial sobre o Mosteiro data do ano 1065, declara a verdade da sua existência anterior a essa data, “a unica verdade que de tudo rezulta a respeito da fundação he que existia o mosteiro de Bustelo no ano de 1065...” – MEIRELLES, António d’Assunção Meireles, Frei. – Memórias do Mosteiro de S.Miguel de Bustelo, p.37.

8 Regime da Comenda – Sistema feudal que resultou da atribuição de comendas por parte do Rei. Estas comendas exerciam a obrigação de pagamento de rendas ou de terras na troca por protecção. Este sistema levou ao nascimento dos Abades Comendatários que exerciam o seu poder para obter riqueza, em detrimento de salvaguardar o património religioso nacional.

9 MAIA, Fernanda Paula Sousa – “O Mosteiro de Bustelo: Propriedade e produção agrícola no antigo regime (1638-1670 e 1710-1821)”, p.24.

10 Mosteiro do Salvador de Paço de Sousa – localiza-se na freguesia Paço de Sousa, no concelho de Penafiel. Este mosteiro beneditino remonta ao século X. A sua arquitectura de carácter românico foi uma referencia para arquitectura desta zona. Este monumento é um dos edifícios integrados na Rota do Românico do Vale do Sousa (programa de reabilitação e manutenção do marcos românicos no Vale do Sousa).

Em meados do século XVI, o mosteiro torna-se uma das casas da Congregação Beneditina Portuguesa. Esta instituição levou a um plano de reforma geral do mosteiro, que se manifestou numa profunda transformação construtiva. A modesta construção medieval deu lugar a uma construção barroca. Esta construção é composta por uma igreja de raiz com dimensões mais avultadas, e o corpo do mosteiro que é composto por um claustro, e dois corpos adjacentes, um a poente e outro a nascente. A área construída do mosteiro estende-se ao longo do edifício por dois pisos. A reconstrução sobre o antigo edifício medieval foi resultado de um processo construtivo que teve início em 1633, com a Portaria, avançando seguidamente com o claustro, os dormitórios, zona de serviço público (hospedaria, livraria, galeria e casa da renda) finalizando em 1783/86 com a construção da nova Igreja.

Para além dos limites interiores do edifício, este complexo monástico escreve a sua história numa área exterior bastante extensa que incorpora jardins, campos agrícolas, pomares, caminhos, fontes e alguns elementos de excepção como o aqueduto e o cruzeiro. A nova reforma desenvolvida nesta altura incitou ao florescimento do poder económico de Bustelo. A doação de propriedades, que contribuiu para o crescimento substancial do seu património. Com a expulsão das ordens religiosas em 1834, a vida monástica do mosteiro foi dada como terminada.

Os documentos oficiais relativos a vida do mosteiro, depois da queda das ordens, são escassos. Existem algumas informações relativas a obras de manutenção e de reconstrução, devido a ocorrência de desabamentos consequentes das tempestades. O término da vida monástica, precipitou o mosteiro para um processo contínuo de abandono e ruína, até aos dias de hoje.

Património territorial

Este complexo monástico, era detentor de uma vasta área territorial que resultava de doações feitas ao mosteiro. *O processo de estruturação patrimonial de Bustelo é, em tudo, semelhante ao dos restantes domínios senhoriais eclesiásticos seus contemporâneos. Trata-se, normalmente, de um conjunto de bens imóveis que constitui a dotação inicial feita pelos fundadores do Mosteiro, situado em torno do núcleo que, através de sucessivas doações se vai alargando de uma forma descontínua.*¹¹ Esta consequente descontinuidade e desorganização levou a necessidade de estabelecer fronteiras que marcassem o limite das propriedades. Não existe informação capaz de estipular os verdadeiros limites da cerca do mosteiro, como tal, todas as relações ou limitações utilizadas no trabalho, serão fruto de uma interpretação, criando hipóteses e possibilidades no desenho dessa mesma **cerca**.

O perímetro pertence ao mosteiro, estende-se para além da freguesia de Bustelo, chegando a envolver as freguesias adjacentes: Croca, Santa Marta, Meinedo e Novelas, admitindo como limite natural, o Rio Sousa. Dentro deste território, existe a hipótese da existência de duas cercas: uma cerca mais pequena, que determina a área envolvente próxima do edifício, com campos agrícolas, casais, o aqueduto, adro e um terreiro com um cruzeiro; uma cerca maior, intitulada de 'cerca de fora',¹² que englobava os terrenos mais afastados, cujo perímetro era delimitado por grandes zonas arborizadas e o Rio Sousa. Todas estas hipóteses de carácter interpretativo estimularam uma diferente forma de interpretar o lugar, valorizando-o como uma parcela de território rica em diferentes elementos e que em si representam a essência do lugar. Esta possibilidade de uma cerca, ou de um limite, será preponderante no desenvolvimento deste ensaio.

¹¹ MAIA, Fernanda Paula Sousa – “O Mosteiro de Bustelo: Propriedade e produção agrícola no antigo regime (1638-1670 e 1710-1821)”, p.63.

¹² MAIA, Fernanda Paula Sousa – “O Mosteiro de Bustelo: Propriedade e produção agrícola no antigo regime (1638-1670 e 1710-1821)”, p.80 – expressão utilizada pelo autor como referência a cerca do património total do mosteiro, a cerca maior.

Actualidade

O processo de degradação do mosteiro resultado da falta de manutenção e uso, invoca uma grande sensação de abandono e decadência no primeiro impacto na visita ao lugar. Contudo, ao aprofundarmos a nossa pesquisa e realmente experienciamos o lugar, aos poucos a relação que se estabelece com lugar vai alterando-se. De forma sucinta, o lugar é composto por diferentes elementos, entre eles: um edifício predominantemente do estilo barroco, que alberga uma Igreja e um volume de programa monástico, um terreiro constituído por um adro em frente à igreja, uma escadaria e um cruzeiro, uma série de campos agrícolas, quintas e pomares, diferentes programas de uso público (uma escola primária, um cemitério e uma quinta didáctica), propriedades privadas e ainda um aqueduto. Este diversos elementos, entre outros, constituem a composição geral deste lugar no imediato da sua análise.

O edifício propriamente dito encontra-se, actualmente, em grande parte degradado, com janelas partidas, paredes destruídas, acumulação de lixo, erosão de acabamentos e pavimentos e uma apropriação crescente da natureza. Contudo, a igreja e uma das partes do claustro adjacente a Igreja, encontra-se activa. As actividades associadas à paróquia incitaram à manutenção destes espaços do mosteiro. Os espaços envolventes ao mosteiro, aqueles cuja propriedade não é privada, encontra-se abandonada. A falta de intervenção humana, incitou ao crescimento da natureza. Nas imediações mais próximas ao mosteiro, esta natureza começa aos poucos a apropriar-se das fachadas e dos muros, camuflando gradualmente alguns vestígios de outros tempos.

A relação entre o considerado ‘construído’ e ‘não construído’, nesta conexão entre dois processos distintos, um artificial e um natural catalisou o olhar específico deste lugar. A mutação constante que a natureza invoca neste lugar, traduz uma imagem de um lugar como um ‘organismo vivo’ em transformação e apesar da sua aparente ruína e decadência transmite aqueles que o visitam uma imagem harmoniosa de um edifício histórico imergido na natureza. Esta simbiose desfaz preconceitos associados ao abandono, na interpretação da morte dos lugar ou de ‘paragem no tempo’, pelo contrário isto valida que o lugar é um processo vivo no tempo.



Linha 1 – **FIG. 5** Foto montagem do alçado frontal do mosteiro e a Igreja (entrada principal do mosteiro);

Linha 2 – Figuras 6-9: Sequência de fotos do corpo principal (entrada); **FIG. 6** Vista de cima do alçado frontal, obras de manutenção com a construção de um tecto, para minimizar danos interiores; **FIG. 7** Parte de trás, virado a norte, a constante condição de sombra levou ao crescimento de heras que cobriram a parede exterior por completo; **FIG. 8** Vista interior, maior parte das janelas estão partidas e o interior começa a ser consumido pela natureza; **FIG. 9** Pormenor de uma janela no lance de escadas que une o primeiro ao segundo piso.

Linha 3 – Figuras 10-13: Sequência de fotos do corpo oeste do claustro; **FIG. 10** Vista de cima de parte do claustro, que ainda se mantém activa e a parte á fachada que já apresenta um grau avançado de ruína; **FIG. 11** Pormenor de uma porta, que antigamente estabelecia a ligação interior/exterior; **FIG. 12** Pormenor de uma das paredes, degradação das janelas e portas; **FIG. 13** Vista da fachada virada a poente.

Linha 4 – Figuras 14-17: Sequência de fotos da zona mais a norte; **FIG. 14** Pormenor de umas escadas exteriores, possível ligação do piso superior com a zona de jardins; **FIG. 15** Vista da fachada virada a norte do mosteiro, domínio da vegetação selvagem; **FIG. 16** Vista sobre a casa dos caseiros; **FIG. 17** outro ponto de vista das escadas exteriores juntamente com a fachada virada a norte, mais uma vez é possível ver o domínio da natureza sobre o edifício;

Linha 5 – Figuras 18-20: Sequência de fotos do aqueduto; **FIG. 18** Vista lateral do aqueduto, foto retirada na zona mais afastada do mosteiro; **FIG. 19** Enquadramento do aqueduto na paisagem; **FIG. 20** Pormenor aproximado ao aqueduto.

O primeiro olhar sobre o lugar
Planta interpretativa do Complexo Monástico na actualidade





Análise Morfológica

Neste tópico serão expostos uma série de desenhos concretizados na fase de análise inicial do lugar. Através da desfragmentação das diferentes estruturas morfológicas, elaboraram-se desenhos representativos de cada uma delas. Esta sistematização fragmentada da morfologia do território, permite focar a análise numa estrutura em específico, podendo fazer uma selecção das especificidades do lugar. Esta selecção permitiu a materialização de um desenho síntese que procura evidenciar estas características específicas deste território em estudo. Esta análise torna também visível a relação entre a implantação do complexo monástico e o restante território, permitindo uma melhor compreensão das implicações da sua presença no lugar. Assim, a sequência de desenhos é: topografia e linhas de água, arborização, parcelamento agrícola, parcelamento edificado e termina então, numa planta síntese que engloba todos os elementos anteriormente desenhados.

Estrutura Topografia e Hidráulica

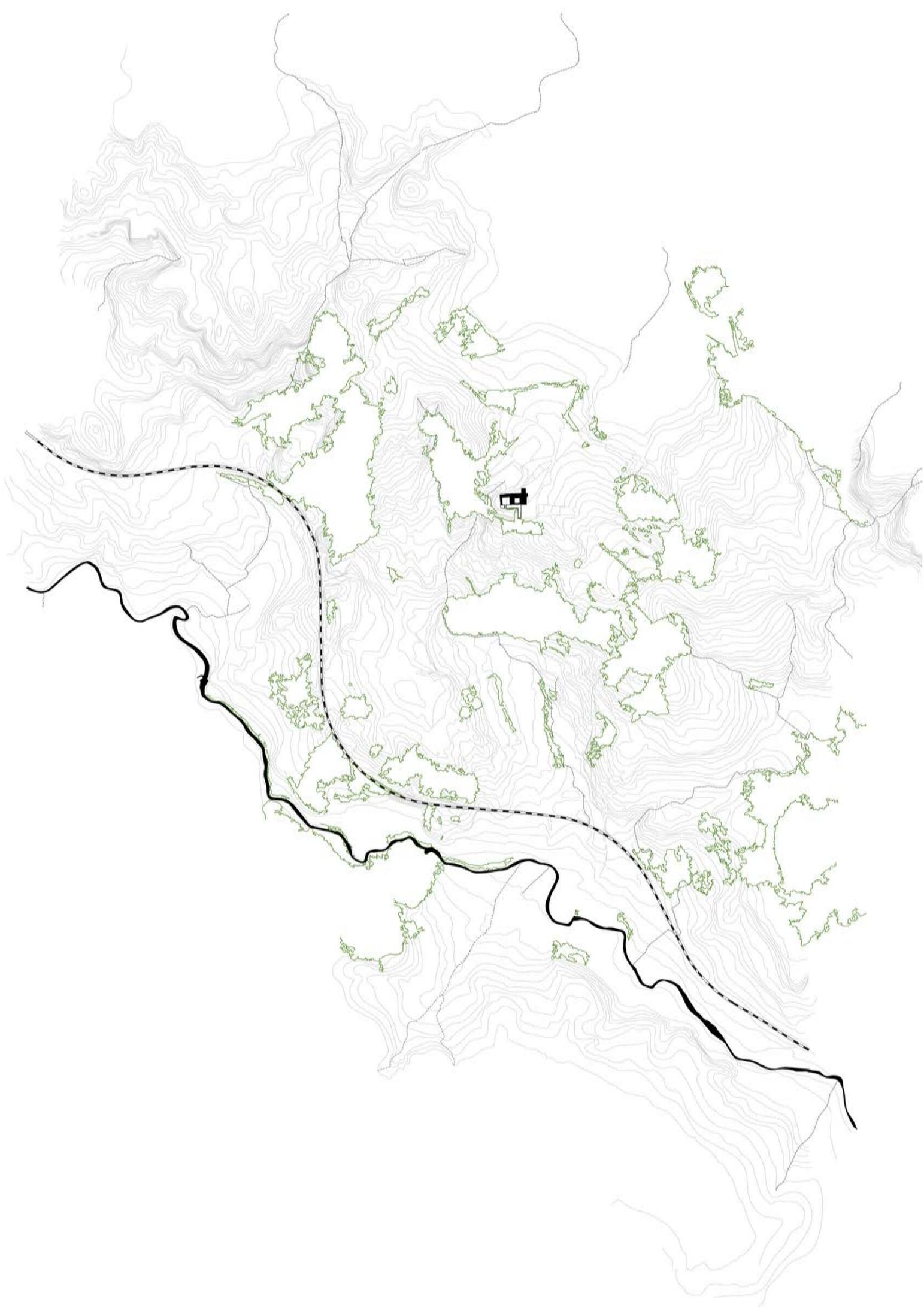
Desenho representativo da topografia actual do território em estudo. Neste desenho procura-se demonstrar a estrutura topográfica e hidráulica, deste território. Com esta representação é possível compreender a implantação privilegiada do mosteiro que se situa à cota mais alta permitindo um domínio total do território. A relação entre o mosteiro e o sistema hidráulico permite evidenciar quais as linhas de água importantes e estruturantes para o funcionamento do mosteiro.





Arborização

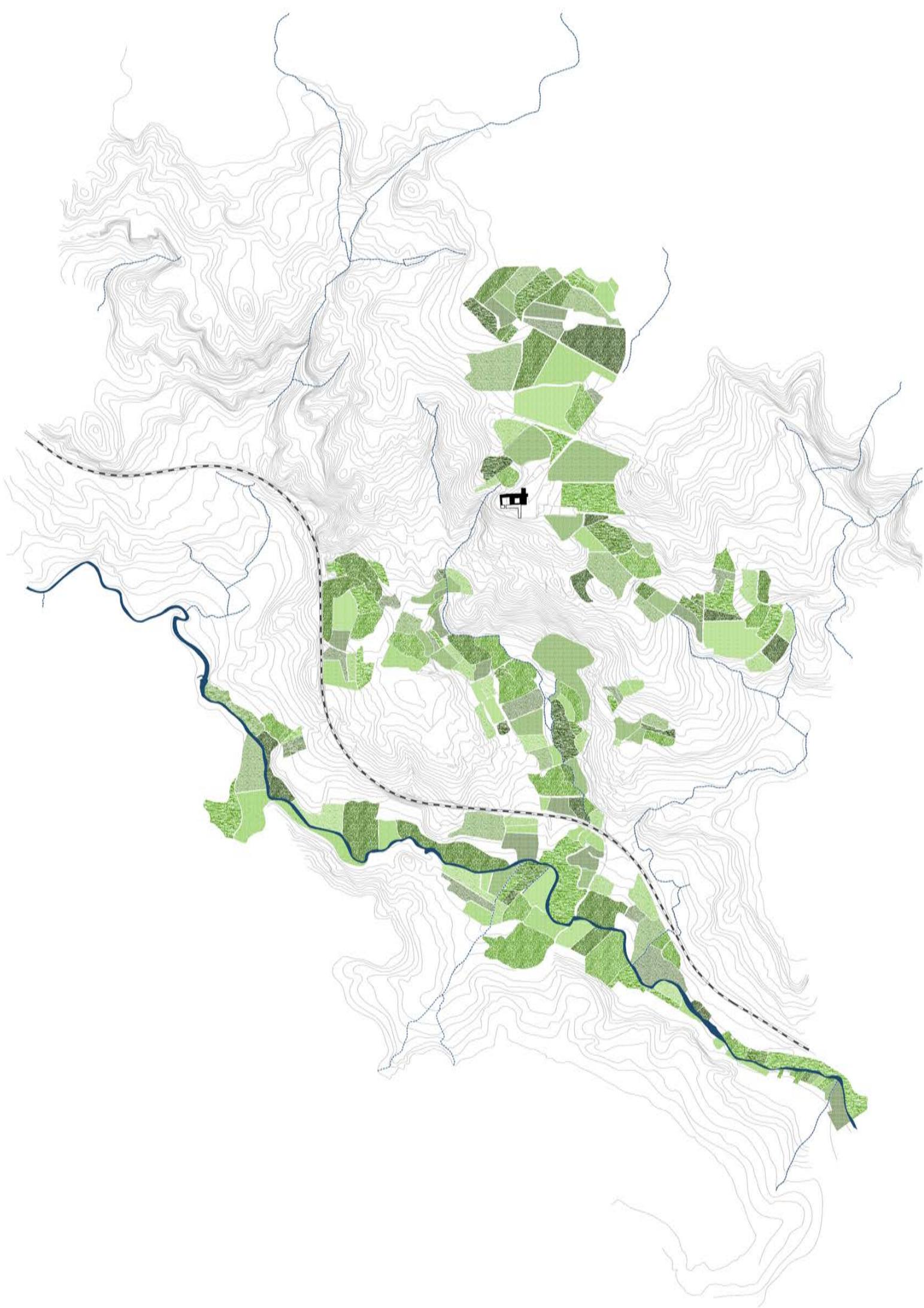
Desenho representativo da arborização no território. Neste desenho apresenta-se um mapeamento da actual arborização distribuída no território em estudo. Focando no mosteiro, podemos ver como este está rodeado por uma perímetro arborizado.





Estrutura Parcelar Agrícola

Desenho representativo da continuidade do parcelamento agrícola no território em estudo. O desenho procura por um lado, tornar visível a relação entre as linhas de água e a forma como o parcelamento agrícola se estrutura, por outro demonstrar as continuidades parcelares agrícolas no território e evidenciar a relação entre estas continuidades e a inserção do mosteiro.





Edificado

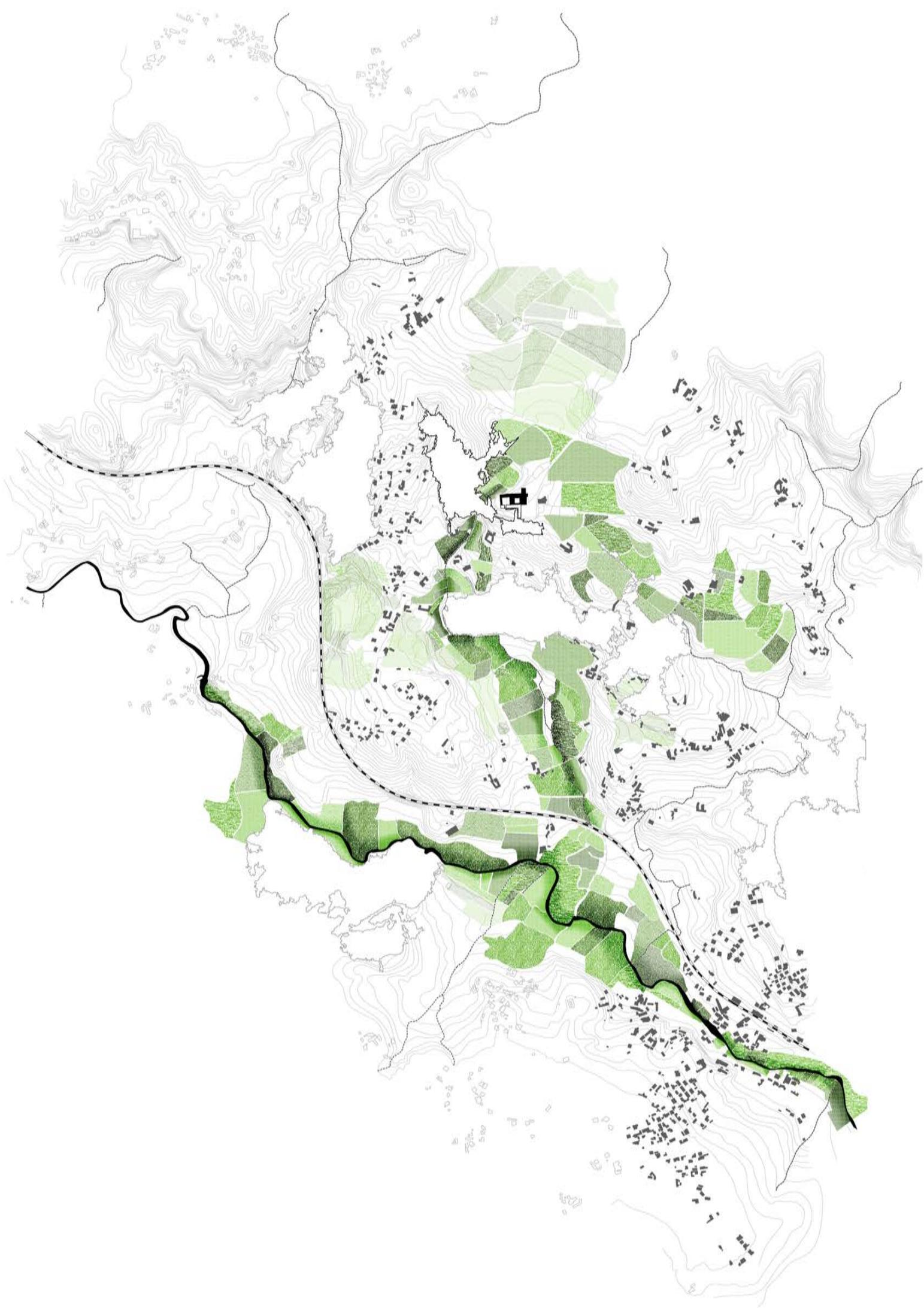
Desenho representativo do parcelamento edificado no território. O desenho apresenta o mapeamento da edificação e do seu parcelamento distribuído no território. Esta representação torna evidente o isolamento do mosteiro; os núcleos maiores de edificação estão a norte numa parte do vale do Sousa e na zona sudeste juntos ao rio.





Desenho Síntese de Análise

Desenho síntese da análise do território. Com esta planta procura-se evidenciar algumas das conclusões retiradas da análise dos diferentes estratos morfológicos que foram anteriormente demonstrados e principalmente a relação entre o mosteiro e esses diferentes elementos.





Sucessão

Man, unlike other beings, is not merely chained to time. Freedom means to him essentially freedom to dispose of his time. The indeterminate and unformed time which lies before him appears to him as an unbound possibility.¹³

13 KÜMMEL, Friedrich – “Time as Succession and the Problem of Duration.” *The Voices of Time*, p32.

Tempo no Lugar

A reflexão sobre o tempo que é apresentada não procura ser uma verdade absoluta ou uma oposição directa a qualquer outra interpretação. Neste próximo capítulo, é desenvolvido um discurso que faz o cruzamento de diferentes pontos de vistas relativos à ideia de tempo, explicitando como estas ideias complementam a interpretação do lugar manifesto neste trabalho, assim como a sua representação. Procura-se criar um diálogo activo entre o lugar e o tempo, clarificando como a interpretação deste mesmo lugar suscitou uma forma diferente de ver o tempo.

Como foi anteriormente mencionado, um dos principais objectivos desta investigação é criar uma ligação entre território e património, procurando na sua integração mútua uma visão nova sobre o lugar escolhido, o **Mosteiro de Bustelo**. Olhar para este território pelos olhos do património, é admitir que o seu valor histórico não está apenas no edifício, mas sim na ‘arquitectura’ de um lugar, que integra tanto o edifício como todos os elementos que o envolvem. Um lugar é composto por diferentes elementos, diferentes relações e principalmente, diferentes processos no tempo. Não podemos separar o interior do exterior, o construído do não construído, o edifício da natureza, juntos compõem a essência do lugar. Admite-se que este território é um organismo vivo em constante transformação. A característica da temporalidade associada à interpretação deste lugar, permite assim, compreende-lo para além do que é visível, procurando na sua história e nas suas transformações, um entendimento mais aprofundado do mesmo: *Time is a key to the understanding of these or any territory*.¹⁴

A noção de ‘tempo’ integrado no discurso da arquitectura e principalmente da história da arquitectura, suscitou a reflexão sobre algumas das suas interpretações, procurando nelas os indícios e inquietações que complementam o raciocínio inerente a este ensaio. Esta reflexão parte inicialmente desta relação directa entre tempo e história, constituindo o **tempo histórico**¹⁵.

¹⁴ SILVA, Cidália – “Beyond Buildings and Roads: An approach to the diffuse territory of the Vale do Ave”, p.45.

¹⁵ O conceito **tempo histórico** é introduzido por George Kubler no seu livro “The shape of time: Remarks on the History of Things”; A sua interpretação de tempo histórico contribuiu para o desenvolvimento do pensamento relacionado com a sucessão no tempo explorada neste ensaio.

Qual a relação entre o lugar e este tempo histórico? Como é que esta relação integra a interpretação e o raciocínio desta investigação? Quais as ferramentas que motivaram a representação deste lugar? Estas são algumas das questões que estruturam o próximo tópico. A palavra **sucessão** é o conceito chave transversal a este raciocínio, que faz a ponte entre o tempo histórico e o 'tempo' no lugar. Pretende-se interpretar sucessão: na forma de ver o tempo; na forma de representar este mesmo tempo; e na forma como este conceito estrutura o pensamento inerente a esta investigação.

Sucessão na ideia de tempo

*Our idea of time is complex, and is obtained when we reflect on the appearances of several ideas on after another in our minds, producing the idea of succession (...).*¹⁶ A interpretação de tempo está associada à nossa própria forma de pensar. O pensamento pode ser comparado a uma corrente de ideias que se sucedem. Esta associação está vinculada à de interpretar o tempo na nossa própria vida. Esta interpretação é facilmente descodificada em palavras chave: o passado está vinculado à ‘memória’, o presente ao ‘actual e real’, e o futuro à ‘imaginação e à fantasia’. Desta forma, passado, presente e futuro, assumem-se como realidades distintas. Esta sistematização ou descodificação do tempo incorpora em si duas relações importantes: por um lado, uma relação de sucessão, numa ideia de precedência, em que um momento passado, dá lugar a um momento presente, que por sua vez antecede um momento futuro; por outro lado, uma relação de anulação, em que a existência de um momento admite anulação do outro. Estas relações estabelecem o ‘tempo’ como uma sucessão de fragmentos ou momentos, no qual: *the nature of the relation between past, present and future is essentially one of succession: while a particular time exists as present, there is a time which “not yet” is but which will sometime come into being, as well as a time which, already having been, “no longer” exists.*¹⁷

Esta fragmentação do tempo está intimamente relacionada com a história, tanto universal como da arquitectura. A explicação dos factos apresenta-se sistematizada segundo uma matriz de ‘épocas’ ou ‘períodos’ de tempo que criam em si uma sequência de intervalos temporais sucessivos. A estruturação da exposição da história baseia-se num discurso associado a momentos específicos e congelados no tempo. Estes momentos representam intervalo de tempo distintos, variando na sua amplitude temporal, pode ser uma semana, um ano ou vários séculos.

Esta ideia torna-se preponderante na metodologia inerente a esta investigação, estabelecendo a relação entre o lugar e o seu ‘tempo histórico’. O reconhecimento

¹⁶ BENJAMIN, A. Cornelius – “Ideas of Time in the History of Philosophy.” In *The Voices of Time*, p.9 (Referência ao filósofo Locke).

¹⁷ KÜMMEL, Friedrich – “Time as Succession and the Problem of Duration.” *The Voices of Time*, p.43.

do lugar está antes demais na descoberta da sua história, na sua transformação evolutiva ao longo do tempo. Assim, a interpretação deste lugar incorpora uma descoberta da sua história, de forma a compreender os elementos e relações que o compõe. A ideia de sucessão está tanto na interpretação de tempo, como também na sua representação como 'tempo fragmentado'. As transformações inerentes à evolução construtiva do mosteiro, resultam numa representação sucessiva de fragmentos de tempo que procuram traduzir de forma sintética o que foi alterado, substituído, ou acrescentado num determinado intervalo de tempo. A estes 'instantes' ou estados de ser, iremos chamar de **beings**.

Permanência na mudança - **being**

Ver o tempo através da sucessão significa ver o tempo não como um todo, mas como partes que se sucedem e se excluem, admitindo que 'tempo' é uma *succession of present moments*.¹⁸ Estes momentos correspondem a intervalos de tempo congelados, partes de um tempo fraccionado. Podemos chamar-lhe de 'estados de ser' ou 'beings'.¹⁹ A palavra **being** foi escolhida neste contexto porque traduz de uma forma clara a ideia de 'instante'. A tradução directa para a língua portuguesa resulta na palavra 'ser', que engloba duas noções pertinentes neste contexto, por um lado na ideia de organismo vivo (substantivo – ser: pessoa), por outro a ideia de permanência (verbo ser: estar, permanecer). A escolha da palavra na língua inglesa comporta igualmente dois significados, o substantivo 'being' está associado, assim como 'ser' a um organismo vivo (humano/pessoa). Ao admitir 'being' como verbo, constitui a junção do sufixo 'ing' ao verbo 'be' que invoca a ideia de permanência ao longo do tempo. Esta dualidade de significados comporta na escolha da palavra a interpretação ideia de uma permanência associada à mudança. O conceito 'being' corresponde assim a um 'instante' de tempo (representativo de um intervalo que pode chegar a muitos séculos), representando uma imagem concreta e estática de um 'instante' específico na continuidade do tempo, admitindo assim **permanência na mudança**.

O conceito **being**, qualifica-o como um fragmento da história evolutiva do lugar. Como tal, a história resulta no mapeamento da sucessão destes diferentes 'beings' ao longo tempo. Cada um representa uma 'época' ou uma 'data' específica que demonstra uma possível imagem do lugar nesse momento no tempo, ou seja, a sua permanência. Contudo, esta sucessão de instantes permanentes de tempo representam o todo de um processo transformativo do próprio lugar, tornando visível, através da sequência destas imagens as diferentes transformações que foram ocorrendo, como tal, é possível ver na sucessão desses momentos a **mudança**. Como Friedrich Kümmele refere: *The concept of change seems at first sight to contain within it precisely such an identity of incessant alteration and permanence, since all that changes is necessarily altered while at the same time persists.*²⁰

¹⁸ KÜMMEL, Friedrich – "Time as Succession and the Problem of Duration." *The Voices of Time*, p.37.

¹⁹ **Being** – noun: existence; a living creature; **to be** – verb: there is/are to exist; to be present; to be situated or in a place; to happen in a time – informação retirada de Oxford Advanced Learner's Dictionary.

²⁰ KÜMMEL, Friedrich – "Time as Succession and the Problem of Duration." – *The Voices of Time*, p.33.

Tempo histórico no lugar

*Historical time [...] is intermittent and variable. Every action is more intermittent than it is continuous, and the intervals between actions are infinitely variable in duration and content. The end of an action and its beginning are indeterminate. [...] Events and the intervals between them are the elements of the patterning of historical time.*²¹ O conceito de ‘tempo histórico’ é interpretado neste estudo como resultado da associação do tempo com a disciplina da história e principalmente na relação entre o lugar e a sua evolução ao longo dos anos. A compreensão da sua história passa por descobrir os acontecimentos que marcaram a sua vida até aos dias de hoje.

No caso de estudo em causa, a ‘época’ dominante ao qual o edifício está associado, é o período Barroco, contudo a sua fundação retrocede ao tempo medieval. Este intervalo de tempo, cerca de seis séculos, representa uma sequência de alterações, ‘beings’ que transformaram um pequeno templo medieval, num majestoso mosteiro beneditino. A compreensão destes dados, e deste processo transformativo, tornou-se determinante para o entendimento das consequentes mutações que este lugar sofreu. À imagem do que é apresentado quando se procura demonstrar o processo evolutivo de um edifício ou espaço, o processo passa por representar diferentes desenhos que representam diferentes instantes de tempo, numa sequência temporal do mais antigo para o mais recente. Estas imagens assinalam principalmente os elementos que foram acrescentados ou substituídos.

A descoberta deste lugar passa por compreender as transformações que sofreu ao longo do tempo. Estas transformações são relativas tanto à grande expansão da área construída do mosteiro, como também às transformações aparentemente insignificantes deste lugar, que vão desde a construção de uma parede estrutural até à semente que cresce timidamente numa pequena parcela agrícola. Tudo importa, tudo constitui matéria essencial para compreender este lugar. Desde a imagem de um grande aqueduto até ao pormenor de uma janela do mosteiro.

²¹ KUBLER, George – “The Shape of time. Remarks on the History of Things”, p.11.

Ambos apresentam hoje uma imagem completamente diferente, uma conjugação entre ruína e apropriação da natureza *People have long assumed that only the large changes were significant, like those represented by great discoveries, as of gravity or the circulation of the blood. The little changes separated by infinitesimal alterations like the changes appearing in copies of the same document by different scribes, are dismissed as trivial. By the interpretation offered here, large-interval changes are similar to small-interval changes.*²²



FIG.21 Sequência de fotografias do Aqueduto: na segunda fila de imagens é visível o processo de apropriação da natureza.

22 KUBLER, George – “The Shape of time. Remarks on the History of Things”, p.68.

Tempo Histórico na representação

O processo de transformação inerente ao lugar levou a um estudo aprofundado da sua história. A reflexão concretizada até este ponto abriu o discurso para uma nova linguagem de interpretação de tempo no lugar, através das palavras 'sucessão' e 'being', palavras estas, que introduzem o raciocínio metodológico deste ensaio. Como foi anteriormente referido, estes conceitos são transversais ao discurso e à representação do lugar. Tendo como base os dados históricos, a primeira abordagem representativa do lugar desenha os diferentes 'beings' do lugar, numa sequência de desenhos sucessivos.

A informação recolhida sobre o lugar, tem como base uma exaustiva listagem de dados cronológicos e as memórias descritivas do Frei António d'Assunção Meireles.²³ A informação não é vasta, mas permitiu compreender a história do lugar e criar uma imagem interpretativa dos diferentes 'beings' do lugar ao longo do tempo. A representação concretiza-se assim em cruzar dois elementos descritivos diferentes: por um lado, a cronologia e por outro lado a 'sequência'.

23 Frei António d'Assunção Meireles – Nascido em 1778 na cidade do Porto, vestiu o seu hábito beneditino aos 18 anos no Mosteiro de Santo Tirso. Exerceu um importante papel na elaboração da história da Ordem em Portugal. Em 1795, foi nomeado para organizar e estudar os arquivos de vários mosteiros, entre eles o Mosteiro de S.Miguel de Bustelo.

Desenho cronológico

O intervalo de tempo, que é tido como referência inicial, está compreendido entre a origem do mosteiro (época medieval) e a sua finalização construtiva (época barroca). A escolha deste intervalo recai essencialmente na informação histórica disponível sobre o mosteiro, até meados do século XIX (altura em que o mosteiro deixa de fazer parte da Congregação Beneditina Portuguesa). Os dados recolhidos são sistematizados através da composição de linhas de tempo que marcam os eventos mais relevantes da história do mosteiro. Foram concretizadas três linhas de tempo com diferentes dados cronológicos: a primeira com as alterações verificadas no edifício; a segunda com as alterações nas zonas exteriores; e, finalmente, uma cronologia sintética da evolução construtiva do Mosteiro de Tibães.²⁴ A inclusão desta informação extra sobre Tibães, é fundamental enquanto referência transversal à de Bustelo, pretendendo encontrar elementos comuns, nas formas construtivas e organizativas que respondam a algumas questões que ficam em aberto sobre a organização de jardins, pomares e parcelas agrícolas em Bustelo, por ausência de informação histórica neste último.

*Establishing chronological order is not enough, for absolute chronology merely arranges the moments of time in their own sidereal succession.*²⁵ As linhas de tempo, mapeiam os diversos dados organizando-os de forma a conseguir visualizar num todo as relações patentes entre os diversos elementos e, principalmente, fazendo o cruzamento entre duas realidades, aparentemente distintas (interior e exterior) que acabam por concretizar uma rede de conexões e dependências que expõem o lugar de uma forma interconectada. Esta relação de cumplicidade é a conclusão preponderante desta representação, a qual vem acrescentar algo de novo ao conhecimento do próprio lugar.

24 Mosteiro de Tibães, como já foi referido no capítulo anterior, constitui a casa-mãe dos beneditinos no Norte do País, como tal foi uma referência para a construção e organização de todos os mosteiros associados a esta casa.

25 KUBLER, George – “The Shape of time. Remarks on the History of Things”, p.72.

1535 O Mosteiro encontra-se em declínio são necessárias reparações para poder albergar os monges; Mandou-s fazer um dormitório e as oficinas necessárias.
1550

1559 Instituição da Congregação Beneditina

1569 A casa de Tibães é escolhida como Cabeça da Congregação

1614 Inicia-se o processo de reconstrução do mosteiro de Tibães, que começa pelo claustro do refetório, logo seguido da construção do noviciado e cozinha. Obras no muro na Cerca Grande de fora e nos muros de dentro e condução de águas para dentro da cerca.
1617

1626 Início da construção da nova Igreja (termina em 1661)
1629

1632 Conduz-se a água da mina da Cabrita para dentro da cerca.
1635 Pela 2ª vez é reformado o claustro do cemitério.
1638

1065 Fundação do Mosteiro nos inícios do século XI, o dado mais antigo que existe é uma notícia documental em 1065, como tal, a fundação deste mosteiro deve ser anterior a esta data.

1455 Regime da Comenda

A implementação deste novo regime, resultou em duas novas construções, a casa e a torre dos Comendatários (apenas a torre manteve-se até aos dias de hoje)

1566

1585 Instituição da Congregação Beneditina (até 1834)

1626 Nova fonte e novos socacos na horta;
1629 fez-se calçada na "rua dos marmeleiros", Construção de uma casa junto à portaria.

1635 Construção de uma casa para a tulha (3arcos, 2 colunas,, 1 porta e 4 frestas) e adiante desta um passadiço com arco e 3 portas.

1644 Fonte nas traseiras da capela-mor (abertura de um cano de água)

1650 Na "parreira" instalaram-se 8 colunas de claustra velha e no alpendre de portaria outra.

1656 Levantamento de um muro na "Granja" com cem braços de comprimento e 8 palmos de altura.

1665 Paredes na Cabreira com 228 braços e com 7 palmos de altura, numa fase inicial, acrescentando posteriormente mais 100 braços de parede.
1671

1680 "Fez-se o fermoso cruzeiro" e o terreiro da portaria.

1632 Início da Reconstrução do mosteiro Portaria e Galeria (estendendo-se para o lado norte)

1635 Início da reconstrução do Claustro (lanço Norte); Dormitórios a poente.

1638 Continuação da reconstrução, nova porta de liga o claustro ao terreiro; Pórtico na portaria e conclusão da portaria.

1647

1650 Construção da ala Sul do Claustro (junto à Igreja)

1653

Neste Período foi construído o dormitório a poente (com divisão de celas e revestimentos interiores); Existe ainda uma referência no ano 1653 a construção do refetório.

1668

1677 Dormitório a Norte; Adega e Hospício por baixo;

1683 Edificação da ala norte do Claustro

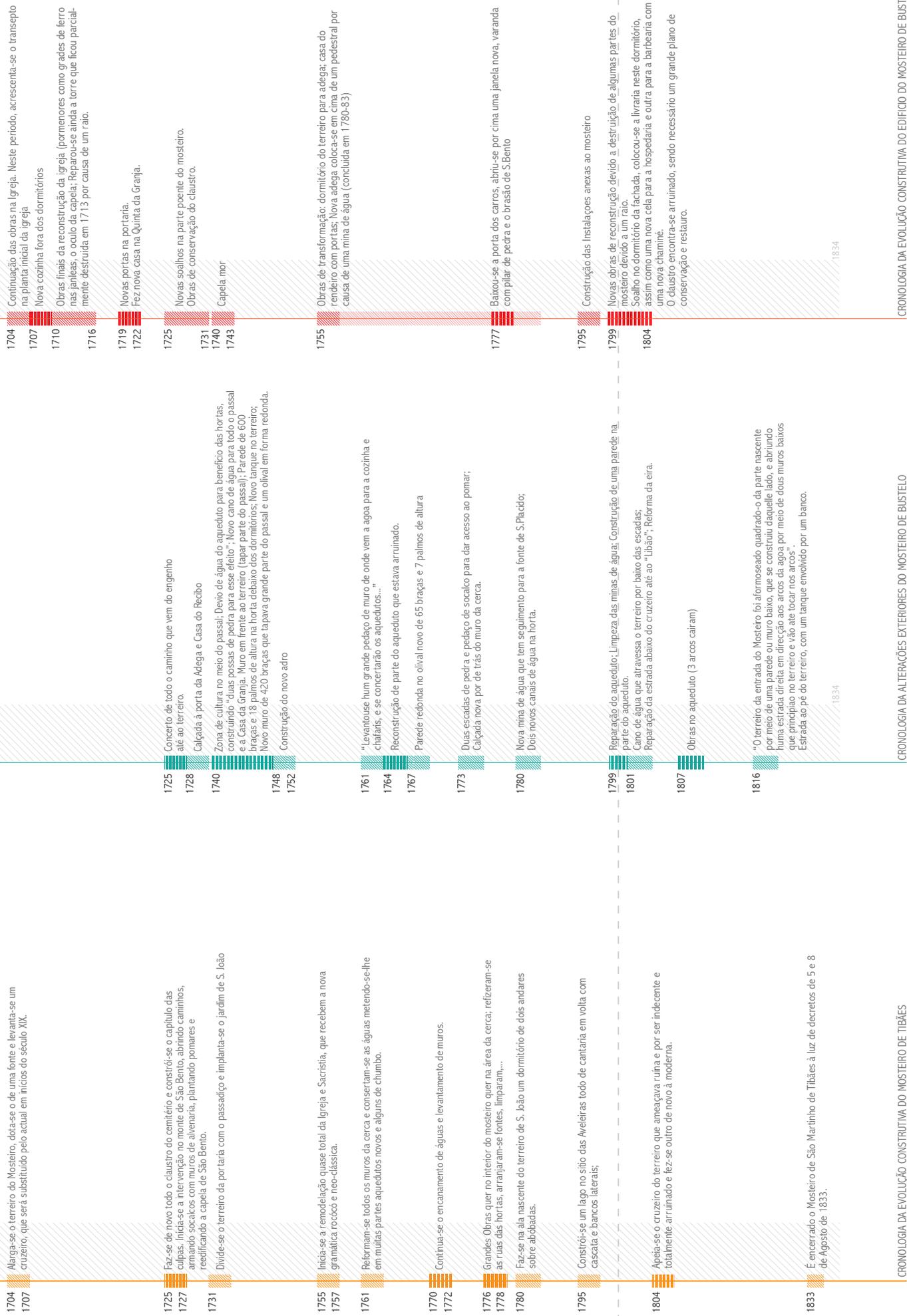
1689 Início do novo dormitório a nascente até a sacada (sacristia e refetório); Construção do claustro do mesmo lado.

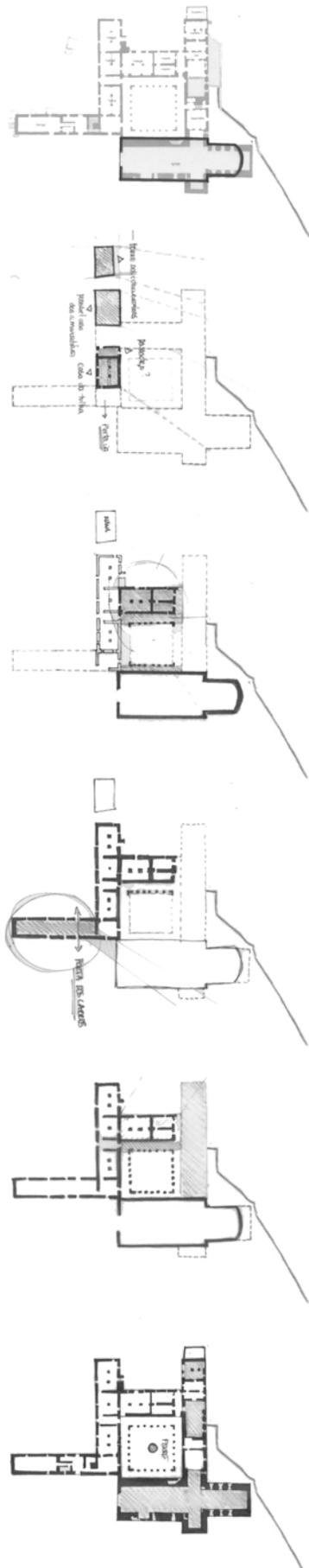
1695

Início dos fundamentos do frontispício da Igreja; "Acabou o formitório da parte nascente com uma cela, e livraria que nella fez e poz grades de ferro na sacada do fim deste dormitório e livraria",

Obras no interior da Igreja, retábulos na capela-mor e outras capelas; uma nova sacristia com retábulo, estatuária...; início do programa de decoração que se desenvolveu ao longo dos séculos XVII, XVIII e mesmo XIX.

1682 Faz-se o átrio do pórtico da Igreja e a escadaria e começa-se a grande campanha de obras que, arrancando com a portaria e o salão da ouvidoria, expande o edifício para norte,
1685





Desenho Sequencial

Evolução do mosteiro na sua transformação de características medievais para a sua forma de mosteiro beneditino. Esta sequência demonstra de forma esquemática a forma como foram construídas as diferentes partes do edifício. Representam seis esquemas hipotéticos fases diferentes na evolução construtiva do mosteiro:

Fase 1 (século X): Hipótese da construção medieval da Igreja Original; **Fase 2** (1455-1566): Regime da Comenda, construção de duas estruturas distintas: a torre dos comendatários (mais a norte); a casa dos comendatários; **Fase 3** (1632-35): Reforma do mosteiro, o projecto de reconstrução inicia-se no volume norte do claustro; **Fase 4** (1638-47) continuação da reconstrução com a construção do volume principal de entrada ao mosteiro; **Fase 5** (1647-1695) Período final do plano da reforma, com a finalização dos dormitórios, refeitórios e zonas de uso público (no volume à fachada principal) como livreria e hospício; **Fase 6** (finais do século XVII) Reconstrução completa, Nova Igreja.

▲ N

Desenho Sequencial

Paralelamente à estruturação das linhas de tempo referidas no tópico anterior, foram realizados desenhos que materializam as transformações no processo evolutivo do lugar. O resultado complementa uma sucessão de diferentes desenhos, que vão representando os diferentes 'beings' do lugar no mesmo 'intervalo de tempo' escolhido no desenho cronológico. A representação destes 'instantes' na história do lugar está associada às transformações com maior intervenção, que traduziram uma maior mutação no lugar. Para tal, foi necessário perceber a sua origem, a sua evolução construtiva (a forma como o mosteiro cresceu, na construção das suas diferentes partes), tentando descobrir elementos que já não existem ou que aparecem hoje em ruína (como a torre dos comendatários, muros de suporte e divisão de parcelas, escadas de acesso a jardins, pavimentos, entre outros). Esta informação complementa a forma de interpretar o lugar.

This sundering of elements is made especially clear by the conception of time as a line. The image of a point in movement along a line expresses in a concrete manner the succession as well as the coexistence of all points in time.²⁶

26 KÜMMEL, Friedrich – "Time as Succession and the Problem of Duration." *The Voices of Time*, p.45

Sucessão e duração

A pesquisa materializada neste capítulo foi estruturada através da relação entre ‘tempo como sucessão’ e a antinomia do ‘tempo permanência- mudança’.

Na interpretação do tempo como sucessão o mosteiro é decifrado como uma sucessão de ‘instantes’ congelados no tempo, num processo de precedência e de anulação: [...] *defining time as succession signifies that not all of its moments are present conjointly as parts of a whole, but that they follow and thus exclude one another.* Esta imagem fragmentada direcciona para a ideia da existência de diferentes tempos em detrimento de um só tempo, tornando visível a ideia de **multi-temporalidade**. A relação desta ideia de sucessão no tempo com o lugar foi feita através da conexão com a sua história, representando-a. A forma como a história se expõe valida esta ideia de fragmentos, porque valida na sua aproximação aos lugares numa sintetização em ‘épocas’ ou ‘períodos’ específicos de tempo.

A relação do tempo como sucessão com a permanência – mudança, por intermédio da palavra **being** torna visível a ideia de que mesmo na representação do tempo como momentos permanentes é possível considerar mudança entre esses momentos. Esta relação está intimamente ligada com a ideia de ‘instante’ ou ‘frame’ de tempo como unidade de referência. A representação deste tempo em sucessão deriva duma imagem linear do tempo. A linha como elemento representativo do tempo corresponde de forma clara a esta ideia de uma corrente de momentos sucessivos. Se interpretamos a ideia de linha num contexto literal (o da geometria), a linha é uma sucessão de pontos, mas a linha existe na combinação desses mesmos pontos, não será lógico então transpor esta ideia para a forma de ver o tempo? *This sundering of elements is made especially clear by the conception of time as a line. The image of a point in movement along a line expresses in a concrete manner the succession as well as the coexistence of all points in time.*²⁷

Admitir o tempo como uma linha, valida diferentes características como continuidade e simultaneidade, e traduz um novo conceito, a **duração**. A contemplação do tempo admitindo em si a ideia de duração, valida a ideia de um tempo que não resulta apenas de uma sucessão mas de uma sucessão continua, que estabelece

27 KÜMMEL, Friedrich – “Time as Succession and the Problem of Duration.” *The Voices of Time*, p.45

relações de transversalidade de momentos no tempo. Como Kümmel explicita: *something is to abide, to endure, then its past may never be simply 'past', but must in some way also remain 'present'; by the same token its future must already somehow be contained in its present. Duration is said to exist only when the 'three times' (put in quotation marks when used in the sense of past, present and future) not only follow one another but are all at the same time conjointly present.*²⁸

Em nota de conclusão, ter como princípio a relação entre sucessão e duração na interpretação do tempo, abre portas para uma nova reflexão. Esta será o mote do próximo capítulo, que explora as repercussões desta nova forma de ver o tempo, na relação original entre o tempo e o lugar deste ensaio.

*Does not real duration Express principally a really abiding quality of time, and therefore inevitably a real unity in the coexistence of the past with the present and the future a tone and the same time?*²⁹

28 KÜMMEL, Friedrich – “Time as Succession and the Problem of Duration.” The Voices of Time, p.45

29 KÜMMEL, Friedrich – “Time as Succession and the Problem of Duration.” The Voices of Time, p.35.

